



SEM QUALIFICAÇÃO, BEATRIZ ACEITA GANHAR R\$ 9 POR DIA PARA ENTREGAR PANFLETOS NO SINAL

SETOR PRIVADO CRESCER NO DF

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

O ano de 2007 confirmou uma tendência verificada nos últimos anos, o mercado de trabalho do Distrito Federal conseguiu se desgrudar do serviço público. Nos primeiros 11 meses do ano foram geradas 40.432 vagas, todas no setor privado, enquanto que a administração pública direta — governos federal e o do DF — reduziu o quadro de pessoal em 2.174 servidores e comissionados, segundo levantamento feito pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) com dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) para o *Correio*. O perfil vem mudando desde 1992, quando o levantamento começou a ser feito na capital federal. Há 15 anos, o serviço público empregava um em cada cinco brasilienses. O volume caiu para 16% do total. “O setor privado foi quem salvou 2007”, afirma o coordenador da PED, Antônio Ibarra.

A ascensão do setor privado, no entanto, não conseguiu representar melhora no mercado de trabalho no mesmo ritmo verificado em âmbito nacional. A formalização aumentou, mas entre 2006 e 2007 a contratação de informais avançou ainda mais. O número trabalhadores com carteira assinada no setor privado cresceu 4,1%, contra 6,5% dos informais no último ano. Desde 1992, os empregados com carteira cresceram 121,7%, enquanto os sem carteira tiveram um incremento de 108,4%. A predominância dos setores de comércio e de serviços tem relação direta com a

informalidade elevada. “Uma solução seria fomentar a industrialização do Entorno, que é quem absorve mão-de-obra mais facilmente e geralmente com carteira assinada”, afirma o diretor do departamento de administração da Universidade de Brasília (UnB), Jorge Pinho.

O aumento da informalidade está ligado à dificuldade das empresas em gerar vagas na mesma proporção que o crescimento da População Economicamente Ativa. Este ano, 34,5 mil pessoas passaram a procurar emprego. Muitas delas sem qualificação, o que acaba engrossando o universo das que se viram com bicos ou aceitam trabalhos sem carteira assinada e com baixos salários. “O processo migratório para Brasília ainda é muito intenso. As pessoas vêm com uma mão na frente e outra atrás, sem qualificação nenhuma. Não há capacidade de absorver essa mão-de-obra”, afirma o economista Roberto Piscitelli.

Com 15 anos, Beatriz da Silva passou a procurar emprego no fim deste ano. Menor de idade e com apenas a 6ª série do ensino médio, ela aceitou distribuir panfletos em sinais de trânsito como seu primeiro emprego. Sem carteira assinada, seu único direito é uma marmita que a empresa contratadora leva na hora do almoço. Por dia, recebe R\$ 9 para entregar panfletos das 7h30 às 17h. Beatriz pretende passar pelo menos um mês na função. “Sei que o salário é muito baixo, mas eu precisava trabalhar, então aceitei.”

O aumento do número de empregados do setor privado tem impacto na renda média da população. Os servidores ganham, em média, 2,5 vezes mais do que o restante dos trabalhadores. Como estão diminuindo na participação da economia local, a renda média subiu a passos lentos no último ano. O salário médio pago em Brasília ao longo deste ano foi de R\$1.182, apenas R\$ 64 a mais que em 2006.